

# DE HADES AO DIABO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS SIGNIFICADOS DAS IMAGENS NO IMAGINÁRIO PÓS-MODERNO DA FIGURA DO DIABO.

QUINTILIANO, *Angela Maria Lucas (PUC/SP)*

## 1. Mundo simbólico: religião e linguagem.

Não é pretensão deste artigo esgotar a discussão sobre como se relacionam conceitos tão fundantes do processo de construção social dos indivíduos como os de religião e linguagem, mas o objetivo presente é discutir algumas questões que se colocam quando esse tema é proposto. Renunciando, pois, a um aprofundamento da rica e necessária discussão sobre o tema, explicitamos que será no contexto da pós-modernidade que faremos nossas indagações.

É claro que para que se possa atingir a compreensão de onde se pretende chegar há de se percorrer por alguns meandros do passado, portanto, é necessário recorrer à história para fazer jus à intenção a que o título remete: *De Hades ao Diabo*.

Qual é a relação dos indivíduos no mundo pós-moderno com o mito do Diabo? Como as novas estruturas que emergem, ainda sem feição clara, no contexto contemporâneo, se relacionam com esse mito? Em que medida, determinadas práticas discursivas apoiadas em um imaginário específico da sociedade ocidental, reduzem ou se aproximam quando se referem ao significado do mito do Diabo na pós-modernidade? Podemos reduzi-lo a uma mera relação de consumo, a partir do pressuposto que a representação do Diabo teria se tornado uma mera mercadoria?

As indagações estão postas, vamos agora tentar esboçar alguns caminhos possíveis de compreendê-las.

Como se dá o processo de “apropriação” da figura do Diabo em tão diferentes momentos e através de diversos meios de transmissão é uma questão intrinsecamente ligada à produção simbólica dos códigos que dão sentido a uma determinada visão de mundo em uma sociedade. Dar sentido ao mundo faz parte da condição humana através de uma multiplicidade de fatores que se inter-relacionam e se traduzem em práticas sociais. De acordo com Mary Jane Spink e Vera M. Menegon, em um trabalho que trata dos fundamentos teóricos e metodológicos da análise discursiva:

“As idéias com as quais convivemos, as categorias que usamos para expressá-las e os conceitos que buscamos formalizar são constituintes de domínios diversos (da religião, da arte, da filosofia, da ciência), de grupos que nos são mais próximos (família, escola, comunidade, meio profissional, etc) e da mídia em geral.”<sup>1</sup>

Podemos, então, considerar a produção de sentidos como um empreendimento coletivo que se realiza através da interação dos agentes que constroem termos de intelecção e comunicação onde as representações de realidades intanjíveis que ocorrem na produção simbólica, são objetivadas a partir de uma construção lingüístico-conceitual, construída socialmente e historicamente localizada.

Aceitar que as representações são objetivadas a partir de uma construção lingüístico-conceitual socialmente criada e legitimada dentro de um determinado período histórico, é de fundamental importância para que se compreendam as indagações do mito do Diabo na pós-modernidade, e a questão mais perturbadora que gira em torno dele, o de sua transformação em mera mercadoria, vendo sua função religiosa solapada no hedonismo contemporâneo baseado em complexas relações de mercado.

Não cabe no pouco espaço que dispomos fazer uma minuciosa análise sobre a multiplicidade de abordagens sobre a compreensão da linguagem como prática social e sua grande importância para a construção das representações simbólicas e, ao mesmo tempo, a tradução do imaginário de uma determinada sociedade. Contudo, aceitamos as abordagens que priorizam a centralidade da linguagem como caminho de análise para atingir a compreensão de fenômenos e suas representações.

Pelo fato da linguagem ser uma prática social ativa que se resignifica, que passa por momentos de ordem, ruptura e diversidades das mais variadas formas, ela produz conseqüências. Existe um jogo entre os interlocutores, “a compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes”<sup>2</sup>, que não se situa apenas na produção oral, mas se estende a todas as formas de linguagem: texto escrito, imagens, arte, meios de comunicação de massa.

Assim, embora seja inegável a centralidade da linguagem verbal, não podemos deixar de considerar outras formas de linguagem que inseridas na produção simbólica da sociedade exercem sua influência na produção de sentidos. Neste campo, elegemos a linguagem visual que se manifesta através de imagens nas instâncias próprias de sua manifestação, no caso em foco na arte ao longo de toda a história social e, na mídia, como um dos recursos de criação e resignificação simbólica na pós-modernidade.

Desta forma, nos diversos contextos os indivíduos lançam mão de determinados repertórios interpretativos construídos historicamente, que serão responsáveis pelo tipo de imaginário e, conseqüentemente, com o tipo de relação que os indivíduos

estabelecem com os vários fenômenos da vida social, entre eles a religião, a linguagem e a arte. Esses três elementos se tornam indissociáveis, uma vez que o fenômeno religioso só pode ser apreendido simbolicamente.

Analisar um conjunto de significações que dão sentido ao mundo, observadas desde as antigas civilizações, a partir de explicações mítico-religiosas que, mesmo transfiguradas, modernizadas, ou caricaturadas, nos acompanham até nossos tempos, nos parece ser de fundamental importância para compreender alguns elementos do mundo contemporâneo.

## **2. Breve resgate histórico do mito do Diabo.**

A partir de agora, vamos fazer um mergulho na história, em suas construções sociais simbólicas relacionadas ao mito do Diabo para tentar compreender como esse mito chega à pós-modernidade e, então, discutir a permanência ou ausência de sua função religiosa.

Como os conceitos relativos ao Hades grego se relacionam ao Diabo, e como este se transforma em mercadoria, se é que esta afirmação pode ser feita sem escapar ao reducionismo da análise?

Na mitologia grega Hades significa o Invisível, e era a denominação dada a duas representações simbólicas. Uma denomina a figura de um deus, Hades, irmão de Zeus que recebe o encargo de cuidar do mundo inferior, espaço ocupado na pós-morte. Outro significado para o mesmo Hades refere-se ao espaço dominado por esse deus, ou seja, o próprio mundo inferior.

O deus Hades inspirava medo e era considerado austero, impiedoso, insensível, intimidativo e distante. O Hades, lugar dos mortos, era o local para onde todos os mortos, bons ou maus, eram guiados por Hermes a fim de serem julgados pelo deus Hades. Era dividido em dois espaços: o Tártaro, personificado por um dos deuses primordiais, nascidos de Caos e de Gaia, que geraram as mais terríveis imagens da mitologia grega, e era uma região de nevoeiros e de árvores sombrias, repleto de cavernas e grutas profundas onde as almas condenadas, ficavam aprisionadas; e, os Campos Elíseos (Ilha dos Bem Aventurados) rodeado por paisagens verdes e floridas, onde iam os heróis e homens virtuosos.

Já para os romanos o deus Hades grego era chamado de Plutão e o Tártaro era o lugar onde eram enviados os pecadores. O poeta Virgílio o descreve na *Eneida* como um lugar gigantesco, rodeado pelo rio de fogo Flegetonte, cercado por tripla muralha e

guardado por uma Hidra<sup>3</sup>. Plutão habitava um palácio circundado por um bosque de álamos e salgueiros estéreis e o solo era recoberto por uma planta própria das ruínas e dos cemitérios. Dentro desse castelo haveria um poço que descia até as profundezas da terra, onde habitavam os condenados. Virgílio localiza a entrada da morada dos mortos perto do Vesúvio, região vulcânica que passa por tremores e exala um cheiro terrível.

As representações do deus Hades, ou Plutão variavam desde a que o mostrava de cenho franzido, cabelos e barbas em desalinho, vestindo túnica e mantos vermelhos, sentado em um trono ao lado do cão Cérbero<sup>4</sup>, até a representação como deus da vegetação, com traços mais suaves.

Ainda nesse contexto não podemos reduzir o deus Hades, e o espaço que ele ocupava como o do Diabo e o Inferno que surgem no imaginário cristão ocidental. As palavras que mais tarde serão usadas no Novo Testamento e nos textos medievais para designar o Diabo que eram de origem grega, ainda não tinham o significado que será incorporado no contexto posterior. Estamos nos referindo aos termos *diabolus*, que significava em grego separar, dividir, cair, tropeçar, e *daemon*, termo usado para designar espíritos bons ou maus intermediários entre os homens e os deuses, às vezes espírito de um herói morto.<sup>5</sup>

Para Carlos Roberto F. Nogueira, em seu livro *O Diabo no imaginário cristão*, será a reforma do antigo politeísmo grego pela escola neoplatônica que traçará o perfil do Diabo cristão, ao incorporar perfeições e fraquezas humanas aos deuses e heróis da mitologia grega: “Para evitar confusão entre Deus e essas divindades inferiores, Platão e sua escola lhes reservaram o nome de *Demônio (daimôn)*, palavra usada anteriormente para exprimir a ação divina em geral, distribuidora tanto dos bens quanto dos males.” (NOGUEIRA, 2000, p. 21)

As religiões que além de serem contemporâneas a esse momento histórico se influenciavam entre si, como as do Egito, Fenícia, Pérsia e Mesopotâmia juntamente com as representações gregas entram em contato com a religiosidade hebraica que passará, então, a incorporar elementos religiosos dessas sociedades em seu corpo doutrinário.

Na religião hebraica, grande fonte do cristianismo, em seus primeiros tempos, evoluindo de uma religião tribal para o monoteísmo absoluto, a idéia do Mal é algo indefinido, não é incorporada a uma determinada personagem, apesar da crença entre os hebreus em espíritos malignos que seriam enviados por Deus como punição. Ao

incorporar elementos das várias religiões dos povos com as quais entravam em contato, suas concepções doutrinárias vão se modificando.

Assim, no Antigo Testamento onde o Sheol, palavra hebraica que significa a morada dos mortos, lugar triste, mas desprovido de castigos e *há-sâtân*, palavra que em hebreu significa o acusador, anjo da corte celeste encarregado de por a prova os justos, que exerce um papel de antagonista, passam a ter no Novo Testamento significados diferentes.

Desta forma, podemos perceber que determinadas representações e sua codificação a partir de um repertório lingüístico-conceitual chegam ao universo cristão, através das interpretações bíblicas de uma forma que se distancia da sua origem. O uso do termo Inferno para designar o Hades grego ou o Sheol hebraico, ou o de Satã para designar a personificação do Mal, só foi possível a partir da associação de determinadas representações, e necessidades concretas dos hebreus e, posteriormente dos cristãos.

Assim, podemos dizer que essas “adaptações” para denominar elementos religiosos a partir de influências mútuas ultrapassam os limites da transliteração<sup>6</sup>, e são o resultado da inter-relação interpretativa de um sistema de escrita associado às suas representações, ou às imagens que são elaboradas na composição do mundo simbólico, que atende a determinadas necessidades.

“Quando no século II d.C., foram traduzidos para o grego os livros sagrados, denominaram-se demoníacos (*daimonia*) os ídolos e divindades pagãs e alguns dos animais fantásticos que povoavam as crenças no antigo Oriente. Estabelecida uma mesma denominação comum...” (NOGUEIRA, p. 22)

O nascimento do cristianismo se dá no conflito e ao mesmo tempo na interdependência entre o novo e o antigo. É nesse universo que o cristianismo encontra as idéias judaicas sobre o Mal e, as incorpora no Novo Testamento, onde Satã aparece como o grande adversário, instituindo no imaginário cristão definitivamente a luta do Bem contra o Mal, que passa a integrar o dogma central da doutrina cristã.

O Diabo passa a representar as dificuldades do mundo material e as incertezas do mundo espiritual marcado pela tradição e crenças mais antigas, onde “o maior crime de Satã reside na persistência da religião pagã”. (NOGUEIRA, p. 32)

Em seu longo processo de consolidação, o cristianismo viveu uma grande contradição que se refletiu na formação do imaginário ocidental. Como não podia cancelar do imaginário coletivo as tradições culturais e as crenças advindas dessas

tradições, a Igreja assume a necessidade de adaptar as práticas cristãs aos ritos pagãos, fazendo com que um novo significante passe a revestir um antigo significado.

“Aos demônios foram emprestadas as imagens que os antigos atribuíam às suas divindades infernais. Eusébio encontra, na descrição do Hades fornecida por Platão a morada da perdição, que assume para os cristãos os nomes pagãos de Tártaro e Inferno.” (NOGUEIRA, p. 36)

Até um determinado período da Idade Média (século XII) havia uma indefinição acerca da figura do Diabo. Serão as peças teatrais que darão uma grande contribuição à formação de uma imagem do Diabo, que para dar a devida distinção ao que representavam mostravam o Mal a partir de figuras grotescas, ou deformadas que eram associadas à corrupção espiritual, fazendo com isso não só a distinção desejada, mas um apelo ao visual. É certo que esse visual criado no teatro se apoiava em descrições literárias e obras artísticas e, com o tempo, o próprio teatro também influencia a produção da arte e da literatura.

Com as transformações que tem início a partir do século XII e XIII na Europa Ocidental, intensificam-se as discussões teológicas sobre as capacidades e características do Diabo e seus auxiliares, com o objetivo de criar uma imagem que possibilitasse identificar os inimigos da Igreja. Neste momento, o Diabo passa a ser completamente associado à idéia do Inferno e do Juízo Final.

É deste período a obra de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, onde o Inferno não só é retratado com detalhes riquíssimos, mas as associações com o imaginário pagão estão intimamente associadas. No terceiro círculo do Inferno, onde são punidos os que pecaram pela gula, entre outros suplícios os condenados sofrem o espancamento do cão Cérbero, que com suas garras estraçalha e devora os condenados; no quarto círculo, o que condena os avarentos, está o demônio Plutão.

Mas, será no início da Era Moderna, no Renascimento que encontraremos o auge das representações do Diabo que nos acompanham até nossos dias. A arte renascentista como meio de expressão, divulgação e difusão do que representava o Mal, molda o imaginário popular e faz com que esse imaginário se torne uma “ferramenta útil de coerção individual e social.”<sup>7</sup> É desnecessário aqui explicar como a arte se torna importante num contexto onde a população iletrada, grande maioria no período, identificava nas imagens a mensagem que a Igreja transmitia, uma vez que a linguagem visual não necessita de conhecimento prévio ou comum para transmitir o significado pretendido.

Desta forma a hegemonia do Diabo partiu de concepções difundidas pela própria Igreja, que a partir do século XIV passava por uma desestabilização com a cisão da cristandade acompanhada do aprofundamento de outras crises, onde a presença do Diabo era necessária para justificar o trabalho de salvação. Implanta-se assim, a pedagogia do medo sustentada por um medo escatológico da ameaça do Juízo Final, ao mesmo tempo em que a Igreja se fortalecia.

As representações artísticas e literárias desse período tornam-se riquíssimas em detalhes sobre o Juízo Final e os tormentos sofridos no Inferno, e o Diabo passa a ser reconhecido como ser maligno, de asas, chifres e rabo, a partir de influência das imagens do deus Pã.<sup>8</sup> De figura teológica abstrata, sem representação, o Diabo passou por um lento processo de materialização, onde a arte e a literatura tiveram um papel fundamental.

Nos séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento do pensamento racionalista que fundamenta os princípios da filosofia e da ciência moderna, se inicia um período de dessacralização da natureza que estabelece uma nova relação entre o homem e seu mundo material, originando novas visões de mundo, novas representações e novas práticas a partir dessas novas concepções. O Iluminismo surge como movimento que deslegitima o poder da Igreja, diminuindo os efeitos da pedagogia do medo, onde alguns elementos passam a ser tratados como superstições fundamentadas em crenças que não mais podem ter lugar no mundo que se racionaliza. Inicia-se neste momento a secularização da figura do Diabo.

O Romantismo, fundamentalmente do século XIX, transforma o Diabo no símbolo do espírito livre em contraposição ao aprisionamento moral promovido pela Igreja nos séculos anteriores, em outras palavras, o Diabo transforma-se no símbolo das paixões humanas reprimidas pela religião e a sociedade. Mais uma vez, ressaltamos a necessidade de associar um discurso que dê sentido ao mundo, apoiado em um código lingüístico-conceitual. Esse momento histórico é o momento de vitória do modelo proposto pela burguesia onde os ideais coletivos dão lugar ao individualismo e a busca incessante de bens materiais, cujo símbolo mais marcante era a idéia do progresso, baseado nas explicações científicas.

### **3. O Diabo no mundo contemporâneo: Será mesmo mera mercadoria?**

O século XX transcorre a partir desse modelo de sociedade baseado nas estruturas capitalistas que o fundamentam. É nesse contexto que nasce a indústria

cultural voltada para os meios de comunicação de massa, que inegavelmente se apropriam de todas as formas de linguagem, mas priorizam a imagem, o campo visual para a transmissão de determinadas visões de mundo, utilizando a mídia como principal veículo de difusão desses sentidos que formam um imaginário.

De acordo com vários estudiosos do mundo contemporâneo, a apropriação do “saber legítimo” através de um discurso científico é questionável, em outras palavras as desconstruções de verdades devem ser um caminho para a construção de novas representações e práticas mais apropriadas à pós-modernidade.

É a partir desse pressuposto que nos colocamos a discussão da transformação do Diabo em mercadoria no contexto atual. É evidente que não estamos aqui desconsiderando a supremacia da realidade econômica fundada em relações de mercado a partir de um comportamento eminentemente hedonista e individualista que marca a contemporaneidade, mas, acreditamos que este momento também incorpora outras categorias de resignificação de fundamental importância. Estamos nos referindo à revitalização do fenômeno religioso, e da mesma forma que não podemos negar as relações de consumo, também, não podemos negar os indicativos dessa revitalização.

Nesse sentido, evocamos alguns elementos que apóiem esta afirmação. Quando nos voltamos para o crescente fenômeno das igrejas denominadas neopentecostais, poderíamos acreditar que confirmaria a tese da mercantilização do Diabo. Contudo, isto seria mais um reducionismo, pois as igrejas neopentecostais podem usar a figura do Diabo como chamariz, justificativa e dinâmica de sua doutrina, mas não podemos desconsiderar as motivações individuais que levam os milhares de fiéis a adotar as práticas propostas por essas igrejas.

Da mesma forma, o Movimento Nova Era, com seu amálgama de doutrinas resgatadas dos primórdios da história da humanidade. Movimentos como o satanismo, por exemplo, que resgatam o caráter primordial da figura de Satã, aquele caráter de opositor que aparece em Jô e não o implantado no imaginário renascentista.

Embora muito se propague o uso mercadológico da figura do Diabo, principalmente, através da mídia, pensar que sua figura em uma tela de cinema tem o mesmo significado que a aquisição de um bem material, nos parece uma análise parcial. No imaginário de uma sociedade os significados se atualizam, se resignificam, se adaptam a novas visões de mundo, necessárias para a dinâmica de uma sociedade, mas não significa que perdem definitivamente suas funções.



Marcos Renato Holtz de Almeida, em artigo publicado na Revista Urutáua, defende a tese da transformação, no século XX, do Diabo em mercadoria, mas é nele que encontramos em uma citação que ele retoma de Stanford elementos que nos permitem questionar essa afirmação:

“mesmo relegado ao esquecimento, o Diabo continuou exercendo seu fascínio natural, pois embora os poetas, os artistas e os escritores o tivessem posto de lado em favor de outras soluções para os eternos dilemas da humanidade, a psique popular nunca deixou de tê-lo como bode expiatório, sobretudo nos tempos mais difíceis.” (ALMEIDA, p. 8)

Não podemos dizer que o Diabo na pós-modernidade foi relegado ao esquecimento, pois, como já foi dito, basta uma breve passagem pelo fenômeno de revitalização religiosa através de várias denominações doutrinárias e movimentos que resgatam a memória mítico-religiosa da humanidade para perceber que ele continua “exercendo seu fascínio natural”. Por isso, acreditamos mais na idéia de que o Diabo nunca abandonou a psique humana, ao contrário, sempre esteve presente exercendo sua função transcendental.

Talvez o que esteja acontecendo no contexto atual seja o que sempre aconteceu, um diálogo com a mentalidade cultural de uma época, no caso com a pós-modernidade, onde está se criando um novo discurso para dar sentido ao mundo, lembrando que o homem, apesar da primazia do material, não descartou a necessidade de dar significados transcendentais à sua existência.

Em um momento de perda de hegemonia dos grandes discursos explicativos da realidade, e aí inserimos as religiões tradicionais, lembramos que da mesma maneira que o cristianismo se consolidou a partir do conflito entre o novo e o antigo, no contexto atual a figura do antigo, o cristianismo, entra em conflito com o novo, talvez representando um resgate de significados do passado. Lembrando a citação colocada em páginas anteriores onde “o maior crime de Satã, reside na persistência da religião pagã”, talvez o “maior crime” do mundo pós-moderno seja desconstruir o discurso cristão ocidental que colocou a imagem do Diabo muito distante das representações que lhe deram origem, e que talvez estejam sendo resgatadas nessa originalidade.

Talvez, também, Jung tenha razão quando ao explicar a palavra “daimon” em grego nos alerte para o seu significado, o de um poder determinante, que vem ao nosso encontro, assim como o poder do destino, ficando as decisões éticas, resultado desse confronto, relegadas ao próprio homem. É o arquétipo do Mal, que nunca poderemos prescindir, sob pena de anular a existência do arquétipo do Bem. Reduzir o

Diabo à mercadoria, nos permite também reduzir Deus ao mesmo significado. Sem Deus nem Diabo, talvez o sentido do mundo se comprometa.

Para encerrar, concluímos nossas reflexões a partir de uma citação encontrada no livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, onde Jesus pergunta ao Diabo se é mesmo verdade que com a finalidade de levar os homens à tentação ele os atormenta, e o Diabo lhe responde o seguinte:

“Mais ou menos, limitei-me a tomar para mim o que Deus não quis, a carne com sua alegria e sua tristeza, a juventude e a velhice, a frescura e a podridão, mas não é verdade que o medo seja uma arma minha, não me lembro de ter sido eu quem inventou o pecado e o seu castigo, e o medo que nelas há sempre.”(SARAMAGO, p. 384)

Enfim, como diria Braudel “*o presente e o passado esclarecem-se mutuamente como uma luz recíproca.*” Se havia a necessidade de criar um discurso e um imaginário que desse conta das explicações do pós-morte para os homens da Antiguidade, se na Idade Média, a Igreja necessitava resgatar imagens de outros tempos e transfigurá-las para dar conta da pedagogia do medo e, assim, justificar sua existência levando os homens à salvação, no mundo pós-moderno, parece que existe uma consciência de que não foi o Diabo “quem inventou o pecado e o seu castigo”.

Se esta consciência que emerge na pós-modernidade questiona grandes narrativas, admitir um único aspecto, o de relação como mercadoria, do mito do Diabo, nos parece negar as várias possibilidades que ainda estão se delineando em um contexto repleto de caminhos possíveis.

---

<sup>1</sup> SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*, p. 63.

<sup>2</sup> SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*, p. 46.

<sup>3</sup> Ser mitológico com inúmeras cabeças de serpente, corpo de dragão e hálito venenoso.

<sup>4</sup> Cérbero era o cão guardião do Tártaro, cuidava para que as almas que já tinham entrado saíssem.

<sup>5</sup> LOUREIRO, Klítia; SCARAMUSSA, Ziza. *O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV)*,

<sup>6</sup> Transliteração consiste no mapeamento de um sistema de escrita em outro, com o objetivo de reduzir as perdas no momento de transliterar letras ou palavras que não tem correspondência direta na escrita de destino.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Marcos Renato Holtz. *Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna*, p. 4.

---

<sup>8</sup> Era o deus dos pastores da mitologia grega, representado com orelhas, chifres e pernas de bode, sempre portando consigo uma flauta. Divertia-se assustando as pessoas no campo, daí o termo pânico.

**BIBLIOGRAFIA:**

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz. *Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna*. Revista Urutágua, Revista Acadêmica Multidisciplinar do Centro de Estudos sobre Intolerância. Departamento de Ciências Sociais, UEM, Maringá, nº 5.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOUREIRO, Klítia; SCARAMUSSA, Ziza. *O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV)*. Revista Mirabilia 2, dez. 2002. Mirabilia – Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval. Internet: [www.revistamirabilia.com](http://www.revistamirabilia.com)

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Bauru: Edusc, 2000.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999.

Pesquisa na Internet sobre mitologia grega, site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hades>.